

AGIR

PELOS DIREITOS HUMANOS

UM MOVIMENTO UNIDO PELOS DIREITOS HUMANOS

INTERNACIONAL

O impacto transformador
de uma liderança

JUVENTUDE

O primeiro passo para
crescer no ativismo

TECNOLOGIA

A inovação sustentável
da app +Amnistia

NESTA EDIÇÃO:



06

A Retrospectiva de um ano de desafios pelos Direitos Humanos



08

Cuidemos uns dos outros para sermos cada vez mais fortes



14

Apelos Mundiais



20

De Portugal para Londres, no caminho da educação para os Direitos Humanos



24

Boas Notícias



27

A guerra dos talibãs contra as mulheres e meninas



Foto de capa:
© Amnistia Internacional Portugal

FICHA TÉCNICA

Propriedade: Amnistia Internacional Portugal

Diretor: Pedro A. Neto

Equipa Editorial:

Direção - Paulo Fontes

Coordenação - Vítor Hugo Carmo

Grafismo - Paulo Tavares

Paginação - César Rodrigues

Revisão: José Alexandre Silva e Guilherme Malaquias

Impressão: Gráfica Central de Almeirim, Lda.

AMNISTIA
INTERNACIONAL



CONTACTOS

Amnistia Internacional Portugal
Rua dos Remolares, 7 - 2.º
1200-370 Lisboa

aiportugal@amnistia.pt

revista@amnistia.pt



www.amnistia.pt



facebook.com/amnistiapt



twitter.com/AmnistiaPT



instagram.com/amnistiapt

Os artigos assinados são da exclusiva responsabilidade dos seus signatários. Excluída de Registo pela ERC

EDITORIAL

VÍTOR HUGO CARMO

Coordenador Editorial

Um movimento em constante dinâmica

A Amnistia Internacional continua na senda do ativismo global com o intuito de salvar vidas, mudar leis e proteger os direitos humanos. Em 2023, a organização e os seus apoiantes lutaram juntos para a libertar prisioneiros de consciência e defensores de direitos humanos, com acusações, detenções injustas e aleatórias. É sobre este movimento que procura mudanças positivas a nível global que apresentamos uma retrospectiva de algumas das vitórias alcançadas ao longo do último ano.

Em 2024, os 50 anos do 25 de Abril não passam despercebidos à Amnistia Internacional – Portugal, que levanta o véu da 5ª edição da revista Humanista, dedicada à Liberdade de Expressão e de Manifestação e à campanha Protege a Liberdade, apresentando temas pertinentes da atualidade.

O impacto transformador do estilo de liderança da atual Presidente da Direção Internacional da Amnistia Internacional, Anjhula Mya Singh Bais, ressoa na sua trajetória como ativista. A secção portuguesa da organização teve a honra de receber a sua visita, já que a sua influência e inegável impacto no movimento global são profundos e inspiradores. Anjhula Bais encontrou-se ainda com Marcelo Rebelo de Sousa, Presidente da República Portuguesa para apresentação de cumprimentos e um agradecimento pela condecoração,

em 2021, da Amnistia Internacional como membro honorário da Ordem da Liberdade. Bais apelou ainda à intervenção de Portugal na diplomacia para a paz e para os direitos humanos no mundo e entregou as 13.053 assinaturas da petição pelo cessar-fogo em Israel e nos Territórios Palestinos Ocupados.

A Amnistia Internacional - Portugal, ao abrigo da Estratégia de Juventude 2020-2025, tem desenvolvido iniciativas e mecanismos para incentivar a participação de jovens não só no ativismo como também na governança da secção. O mais recente passo neste sentido foi a nova página online www.ativismojovem.amnistia.pt, com um espaço dedicado aos membros juvenis. Dois desses novos membros tiveram a oportunidade, em entrevista, de falar sobre o seu percurso ativista.

Na tecnologia, a Amnistia Internacional – Portugal anuncia uma nova forma de manter o movimento ativista dinâmico. Por cada donativo que fizer irá receber um valor de desconto na nossa app +Amnistia que poderá descarregar em qualquer plataforma da apple ou google. Poderá usar esse desconto ao fazer compras em empresas portuguesas que se guiam pelos princípios dos direitos humanos.

Continuamos juntos a proteger a Liberdade!



CALENDÁRIO DE ATIVISMO

MARÇO

08

Dia Internacional da **Mulher**

21

Dia Internacional para a **Eliminação da Discriminação Racial**

22

Dia Internacional da **Água**





© Chester Ho / Unsplash

O Relatório Copernicus sobre o Clima Global, da União Europeia, confirmou que o ano 2023 foi o mais quente alguma vez registado. Em reação a estes resultados, Ann Harrison, conselheira para as Políticas Climáticas da Amnistia Internacional, realça que “este registo alarmante mostra que o aquecimento global está a acelerar rapidamente, com consequências cada vez mais graves para os direitos humanos”.

“Na atmosfera, os gases com efeito de estufa atingiram os níveis mais elevados jamais registados, o que é indicativo de que entrámos numa era de instabilidade climática preocupante. Este aquecimento está a agravar as vagas de calor e as secas, a aumentar os incêndios florestais, a intensificar a precipitação e a gerar tempestades mais violentas, o que pode ter um efeito devastador no ambiente, na biodiversidade e sobre os grupos marginalizados”, sublinha Ann Harrison.

O Relatório Copernicus sobre o Clima Global mostra que as temperaturas médias globais em 2023 atingiram um recorde de 14.98 °C, ou seja, 1.48 °C acima dos níveis pré-industriais. Embora os seus registos remontem a 1850, os cientistas do Copernicus suspeitam que 2023 foi o período de 12 meses mais quente dos últimos 100.000 anos. O Copernicus é a componente de observação da Terra do programa espacial da União Europeia.

O efeito El Niño, que se crê ter agravado o aquecimento em 2023, deverá prolongar-se até 2024. A crise climática ameaça o direito universal a um ambiente limpo, saudável e sustentável, bem como muitos outros direitos, como os direitos à vida, à saúde, a uma habitação adequada e a um nível de vida digno.

A RETROSPECTIVA DE UM ANO DE DESAFIOS PELOS DIREITOS HUMANOS

Salvar vidas, mudar leis e proteger os direitos humanos marcaram o ano de 2023 da Amnistia Internacional e dos seus apoiantes, que juntos acumularam vitórias em nome da justiça para as pessoas. Ao longo de 2023, os apoiantes e os ativistas da Amnistia Internacional ajudaram-nos a libertar prisioneiros de consciência e defensores de direitos humanos, com acusações, detenções injustas e aleatórias.

Apresentamos uma retrospectiva de algumas das vitórias alcançadas pela Amnistia Internacional e os seus apoiantes.

ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

AUSTRÁLIA

Depois de uma incansável defesa por parte de estudantes do Pacífico apoiados por milhares de ativistas da Amnistia, a Austrália tornou-se um dos 132 países a copatrocinar a iniciativa de Vanuatu de levar as alterações climáticas ao Tribunal Internacional de Justiça.

ABOLIÇÃO DA PENA DE MORTE

MALÁSIA

A Lei 2023 sobre a abolição da pena de morte obrigatória e a Lei 2023 sobre a revisão da pena de morte e de prisão perpétua (jurisdição temporária do Tribunal Federal) foram publicadas oficialmente no Diário da República da Malásia a 16 de junho, entrando a primeira em vigor a 4 de julho.

CRIANÇAS E JOVENS

PARAGUAI

O Conselho Nacional da Criança e do Adolescente do Paraguai aprovou o Programa Nacional de Prevenção e Atendimento de Crianças e Adolescentes Vítimas de Abuso Sexual, que foi uma das principais recomendações do relatório da Amnistia Internacional, “São meninas, não são mães”.

DIREITOS LGBTI

IRÃO

A ativista iraniana Zahra Sedighi-Hamadani foi condenada à morte em 2022 por apoiar os direitos das pessoas LGBTI. Os apoiantes da Amnistia apelaram às autoridades iranianas para que a libertassem, e Zahra foi finalmente libertada depois de cumprir mais de um ano atrás das grades.

TAIWAN

Num importante passo em frente para os direitos dos LGBTI, Taiwan anunciou medidas para permitir o casamento entre pessoas do mesmo sexo e cidadãos estrangeiros cujos países de origem ainda não legalizaram o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Noutro passo importante, o Governo de Taiwan autorizou a adoção conjunta por casais do mesmo sexo casados.



DIREITOS DOS REFUGIADOS E DOS MIGRANTES

PERÚ

O Congresso peruano aprovou uma lei que anula as multas injustas acumuladas pelos venezuelanos que ultrapassaram o prazo de validade dos seus vistos no país. Isto significa que os venezuelanos que necessitam de proteção internacional e que desejam permanecer no Peru podem aceder a regimes de regularização migratória e beneficiar de uma melhor proteção dos seus direitos.

À PROCURA DA LIBERDADE

ARÁBIA SAUDITA

O advogado de direitos humanos Mohamed Baker foi libertado graças a um indulto presidencial, depois de ter passado quatro anos em detenção arbitrária apenas pelo seu trabalho crucial em matéria de direitos humanos. A Amnistia Internacional fez uma vasta campanha sobre o seu caso e ele fez parte do Write for Rights 2022.

ZIMBABUÉ

No início deste ano, Joana Mamombe e Cecillia Chimbori foram absolvidas de uma das acusações após terem sido detidas em 2020 por liderarem um protesto antigovernamental. Como parte da campanha Escrever pelos Direitos 2022 da Amnistia Internacional, os nossos apoiantes agiram enquanto a Amnistia Internacional Zimbabué os apoiava durante os seus julgamentos.



© DR

ZIMBABUÉ

RESPONSABILIZAÇÃO DAS AUTORIDADES

LETÓNIA

A Letónia ratificou a Convenção de Istambul, o tratado internacional para a prevenção e combate à violência de todos os tipos contra mulheres e raparigas, após anos de campanha da Amnistia Internacional.

ANGOLA

Tanaice Neutro, um ativista angolano que usa a sua música para protestar, foi detido em janeiro de 2022. Depois de ter estado injustamente preso durante um ano, a Amnistia reuniu apoios, sensibilizou as pessoas e começou a fazer campanha em seu nome. Os esforços dos nossos apoiantes foram recompensados com a sua libertação em junho. Tanaice disse: “Ainda não consigo acreditar que a maior organização de direitos humanos do mundo tenha decidido aceitar o meu caso. Estou grata por todo o apoio que a Amnistia tem dado a mim e à minha família”.



© DR

ANGOLA

DIREITOS DAS MULHERES

SUÍÇA

Numa vitória histórica para os direitos humanos, o Conselho Nacional da Suíça alterou a legislação existente para reconhecer que “sexo contra a vontade de outra pessoa” é violação.

UE

No dia 1 de junho, depois de anos de negociações e de ações de sensibilização por parte da Amnistia Internacional, o Conselho da UE aprovou a adesão da UE à Convenção do Conselho da Europa para a Prevenção e o Combate à Violência contra as Mulheres e a Violência Doméstica (Convenção de Istambul).

IRÃO

O trabalho da Amnistia continua a ter um impacto positivo na vida das ativistas dos direitos das mulheres presas no Irão. Em fevereiro, Yasaman Aryani e Monireh Arabshahi foram libertadas da prisão depois de terem cumprido quatro anos de uma pena de 16 anos. Tinham sido arbitrariamente detidas em 2019 por se terem manifestado contra as leis discriminatórias do Irão sobre o uso forçado do véu.



© DR

IRÃO

EDUCAÇÃO

UE

Depois de dois anos de advocacia da Amnistia Internacional, o Conselho da Europa (CdE) integrou as recomendações da Amnistia Internacional no seu roteiro para a

Educação para os Direitos Humanos (EDH) 2024-2028. A proposta da Amnistia Internacional de “localizar a educação para os direitos humanos” é agora a peça central do novo roteiro.



NOTÍCIAS DA DIREÇÃO

CUIDEMOS UNS DOS OUTROS PARA SERMOS CADA VEZ MAIS FORTES

Em dezembro, a Amnistia Internacional Portugal teve a honra de receber a visita de Anjhula Mya Singh Bais, Presidente da Direção Internacional da Amnistia Internacional e uma figura de renome no âmbito do ativismo pelos direitos humanos. A sua influência e inegável impacto no movimento global são profundos e inspiradores.

De ascendência indo-americana, Bais não é apenas uma ativista e voluntária pelos direitos humanos; ela destaca-se como uma pioneira multifacetada. Psicóloga internacional, especialista em trauma, defensora dos direitos humanos, figura destacada como modelo internacional e reconhecidamente uma das mulheres mais influentes da Ásia, Bais traz uma

combinação única de competências e perspetivas, elevando o discurso sobre direitos humanos a novos patamares.

O impacto transformador do estilo de liderança da atual Presidente da Direção Internacional da Amnistia Internacional ressoa na sua trajetória como ativista. Com uma abordagem que destaca os direitos humanos e a saúde mental sob uma perspetiva feminista, ela tece esses princípios essenciais na sua condução, promovendo a diversidade e inclusão nas organizações que lidera. Como a primeira indiana e a primeira pessoa da Malásia a assumir a presidência da Direção Internacional da Amnistia Internacional, Bais quebra barreiras, inspirando outros a seguirem os seus passos.

A sua crença no poder da resiliência e da mentoria manifesta-se no seu compromisso em desbloquear o potencial da próxima geração através de uma liderança sólida. Além disso, a sua experiência como psicóloga de trauma acrescenta uma perspetiva única à organização, centrando-se no trauma e na transformação. Ao abordar quer o impacto emocional quer o fisiológico das violações dos direitos humanos, Bais não apenas lidera, mas também nutre uma compreensão profunda e holística do trabalho vital em prol da justiça e igualdade.

O início da visita foi marcado por uma experiência enriquecedora e dinâmica. A jornada teve início com uma reunião informal nas instalações da sede da Secção Portuguesa, na qual Bais esteve acompanhada por Patrícia Filipe e Clara Duarte, Presidente e Tesoureira da Direção, respetivamente. Nesse ambiente descontraído, focado no trabalho operacional, Bais não apenas respondeu a perguntas da equipa executiva, como também criou um espaço seguro para todos compartilharem sugestões e expressarem as suas preocupações, no contexto de um mundo em constante mudança, que exige agilidade e respostas rápidas a crises. Foi um momento de partilha valiosa e colaboração construtiva.

Na tarde do dia 7 de dezembro, Anjhula Bais encontrou-se com Marcelo Rebelo de Sousa para apresentação de cumprimentos e um agradecimento pela condecoração, em 2021, da Amnistia Internacional como membro honorário da Ordem da Liberdade. Bais apelou ainda junto do Presidente da República à intervenção de Portugal na diplomacia para a paz e para os direitos humanos no mundo e entregou as 13.053 assinaturas da petição pelo cessar-fogo em Israel e nos Territórios Palestinos Ocupados recolhidas em Portugal até àquele momento.



A visita de Anjhula Bais continuou com vários momentos cruciais de aprendizagem e fortalecimento, partilhando com a Direção da AIPT experiências de liderança, conhecimento sobre governança, cultura organizacional e equidade financeira. Esta interação e proximidade proporcionaram uma valiosa oportunidade de absorver perspetivas e experiências globais, contribuindo para o aprimoramento das nossas boas práticas.

O diálogo aberto e construtivo permitiu obter uma compreensão mais profunda das dinâmicas internacionais e estratégias eficazes, com enfoque em áreas de melhoria, inovando e sendo mais audazes e resilientes na nossa tomada de decisão.

De facto, o estilo de liderança de Bais vai além das normas tradicionais, enfatizando a fusão entre direitos humanos e saúde mental através de uma lente feminista, criando uma abordagem de liderança que é simultaneamente compassiva e transformadora.

A visita prolongou-se até ao dia da Assembleia Geral da AIPT, que ocorreu no dia 9 de dezembro, Dia Internacional dos Defensores de Direitos Humanos e véspera do Dia Internacional dos Direitos Humanos.

Convidada a dirigir-se à Assembleia Geral, as palavras de Anjhula Bais não foram apenas inspiradoras, mas também profundamente impactantes,



servindo como um lembrete da força e influência da Amnistia Internacional enquanto movimento global, e do papel crucial que cada membro desempenha no seu sucesso.

Depois de expressar a sua gratidão pela hospitalidade na sua primeira visita a Portugal, enalteceu a importância dos membros, as quais se referiu como “o coração do movimento” e que distinguem a Amnistia Internacional enquanto um movimento de 10 milhões de pessoas, forte e capaz de influenciar governos em todo o mundo.

Reconhecendo o notável crescimento e impacto da Amnistia Internacional Portugal, destacou a necessidade da Secção continuar a crescer e a adaptar-se, alertando para os desafios da corrida ao financiamento e instando a Secção a ser ágil e estrategicamente focada.

Ao nível das prioridades estratégicas

do movimento, incentivou os membros a familiarizarem-se e a alinharem-se com o Quadro Estratégico Global, que se concentra em 80% de questões globais e 20% de questões nacionais, e a garantirem que as estratégias da Secção Portuguesa estão alinhadas com ele.

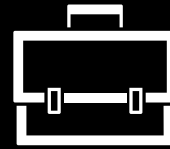
Valorizando a paixão, entrega e ao compromisso para com a causa pelos direitos humanos como um ponto de partida, Bais salientou a incontornável necessidade de diversas competências em funções de liderança e a importância da especialização e do estudo formal na governança da Amnistia Internacional. A nossa credibilidade é inegável, mas precisamos de crescer e de incorporar diversidade. Aqui a inovação e o pensar fora da caixa são essenciais, devendo a Direção fazer uso do mecanismo da cooptação, podendo trazer para a secção competências e conhecimentos

especializados. Durante o seu mandato, a Direção Internacional cooptou membros com competências em Cibersegurança, Gestão de Conflitos, Inteligência Artificial, entre outras áreas tão necessárias para se manter competente, ágil e capaz de dar respostas relevantes aos desafios e mudanças de um mundo em constante transformação.

Ao referir-se à Secção Portuguesa como possuidora da sensibilidade e profissionalismo europeus, sublinhou o nosso “coração” e a nossa bonita cultura como pontos fortes, dos quais espera que nunca nos afastemos.

Anjhula Bais destaca-se como um exemplo de liderança, dedicação e ativismo. A sua jornada e conquistas servem de inspiração para muitos, lembrando-nos de que com paixão, determinação e competência, podemos fazer a diferença no mundo.

EMPRESAS E DIREITOS HUMANOS



ENVOLVIMENTO DE EMPRESAS PARA UM MUNDO MELHOR E MAIS JUSTO

Reconhecemos que as empresas são um ator-chave na nossa sociedade. Como tal, identificamos a necessidade de criar um espaço comum, que permita a construção de relações a longo-prazo baseadas na confiança e na transparência.

A sua empresa pode agora juntar-se ao nosso movimento, através de várias iniciativas diferentes e completamente adaptáveis às suas necessidades, contando sempre com o nosso acompanhamento com base numa comunicação e envolvimento colaborativos e inovadores.



**DONATIVOS PONTUAIS
OU REGULARES**



COLABORAÇÕES

(campanhas, colaborações contínuas)



OUTRAS IDEIAS!



**SESSÕES DE SENSIBILIZAÇÃO
E CAPACITAÇÃO**



**SERVIÇOS E PRODUTOS
PROBONO**



EVENTOS SOLIDÁRIOS



ARREDONDAR E IGUALAR

Ser uma empresa Amiga dos Direitos Humanos vai mais além de ser uma empresa socialmente responsável. É uma empresa que assume a sua responsabilização e papel na sociedade, promovendo um mundo mais justo tanto através da sua ação externa como interna e ao longo da sua cadeia de valor.

O valor doado à Amnistia Internacional Portugal pela sua empresa é dedutível a 130% no IRC da empresa (artigo 62.º do Estatuto dos Benefícios Fiscais, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 215/89, de 1 de Julho).

EM 2024 QUEREMOS FALAR CONVOSCO!

Para definir uma colaboração adequada à sua empresa e esclarecer quaisquer dúvidas:



Ângela Ferreira

a.ferreira@amnistia.pt

Já está nas bancas a 5ª edição da revista **Humanista**, que se debruça sobre a liberdade de expressão e manifestação, num período emblemático para Portugal, que comemora os 50 anos do 25 de Abril.

A **Amnistia Internacional – Portugal** apresenta os primeiros resultados de uma investigação e de um inquérito sobre a liberdade de manifestação, este último feito em parceria com a Universidade Católica Portuguesa.



AI WEIWEI: “O OCIDENTE POSICIONA-SE CONSISTENTEMENTE NUM PEDESTAL MORAL MAIS ELEVADO”

Em entrevista à *Humanista*, o artista chinês aborda a sua contribuição sobre a atualidade da guerra depois de um comentário na rede social X, na qual deu uma opinião sobre o conflito entre Israel e o Hamas. A resposta da Galeria Lisson, em Londres, foi o imediato cancelamento da exposição que estava marcada para abrir poucos dias depois, sendo essa posição seguida por outras três, em Nova Iorque, Paris e Berlim. É no rescaldo destes cancelamentos que aconteceu a entrevista ao artista chinês, na qual expõe a sua visão sobre a liberdade de expressão no mundo.

A LIBERDADE DE PUNHO ERGUIDO

Em meio século, no país dos brandos costumes de Salazar ergueu-se uma democracia. Das greves, protestos, ocupações e assembleias dos primeiros anos da revolução, o direito à reunião e à manifestação foi conquistando, ao longo do tempo, ruas e praças, fábricas, campos, transportes e escolas para, nos últimos anos, adquirir novas formas – umas mais consensuais do que outras – em nome da liberdade de consciência e de expressão. É sobre os desafios atuais deste exercício coletivo que a Amnistia Internacional – Portugal, no



âmbito da campanha global “Protege a Liberdade” convida à reflexão, apresentando os primeiros resultados de uma investigação e de um inquérito, este último feito em parceria com a Universidade Católica Portuguesa.

“OS LIVROS E AS PALAVRAS ENFURECIAM O REGIME”

Reportagem sobre a editora Afrontamento e a Livraria Barata, que desafiavam o regime da ditadura. Ambas contornavam o sistema de proibição e censura. Com um testemunho impressionante da escritora Maria Teresa Horta, perseguida pela PIDE. Todos contam a sua parte da mesma história. Nunca se vergaram, nunca se encolheram. Nem ela, nem eles.

A REVOLUÇÃO DA CORAGEM NA LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Seis mulheres com posicionamento público na Academia, na Ciência, na Política, no Jornalismo e nas Artes, refletem sobre o estado da liberdade de expressão - no geral e no feminino.

O FOTÓGRAFO QUE FIXOU UM ÍCONE ANTES DE O SER

Não é um fotógrafo de Abril, mas fixou o capitão mais icónico da Revolução numa imagem trazida à luz do dia perto dos 50 anos da liberdade em Portugal. Com todo um espólio ainda por tratar e catalogar, Marques Valentim dedicou-se de “alma e coração” ao jornalismo, inspirado em criança pelos livros do Tintim e por um estereoscópio oferecido pelo pai. Uma reportagem e um portefólio do autor.

A LONGA MARCHA PARA A LIBERDADE NO TRABALHO

No Portugal profundo há memórias vincadas da luta dos trabalhadores. Uma das portas que Abril abriu foi o sindicalismo, mas muitos tentam agora fechá-la. Que legado ficou do direito à greve e do chão de fábrica? Da Marinha Grande a Castanheira de Pêra, retalhos da vida de quem deu tudo pelos direitos.



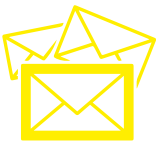
À PROCURA DO ALGORITMO DA LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Qual é o espaço da liberdade de expressão nas redes sociais? A polarização o ódio, e os desafios do exercício da liberdade de expressão nos meios digitais.

CRÓNICAS

Numa altura em que se comemoram os 50 anos do 25 de abril, não perca as crónicas de Sérgio Godinho, Miguel Esteves Cardoso e Sérgio Godinho, com as suas perspetivas sobre a liberdade de expressão.





AFEGANISTÃO

A GUERRA DOS TALIBÃS CONTRA AS MULHERES TEM DE SER CRIMINALIZADA

Depois dos Talibãs terem tomado o controlo de Cabul em agosto de 2022, a situação dos direitos humanos das mulheres e das raparigas no Afeganistão deteriorou-se gravemente. Os Talibãs têm introduzido cada vez mais restrições com o objetivo aparente de eliminar completamente a presença de mulheres e raparigas na esfera pública: qualquer forma significativa de participação pública ou política de mulheres e meninas é agora proibida; as mulheres são impedidas de se movimentar livremente e de se vestirem como quiserem, são proibidas de frequentar a educação para além da escola primária, são excluídas de exercer várias profissões, incluindo trabalhar em ONG e com o escritório da ONU no Afeganistão, e não lhes são atribuídas nomeações políticas ou cargos públicos.

A estas restrições impostas pelos Talibãs às mulheres e raparigas, juntam-se ainda o recurso à prisão, os desaparecimentos forçados, a tortura e outros maus-tratos, sendo que todos podem constar como crimes contra a humanidade de perseguição em razão do género, nos termos do nº 1, alínea h), do artigo 7º do Estatuto de Roma do Tribunal Penal Internacional (TPI).

Apele ao Procurador-Geral do TPI que inclua o crime contra a humanidade de perseguição de género na investigação sobre a situação no Afeganistão, que se encontra atualmente em curso.

PARTICIPE

Assine e envie o postal que se encontra nas páginas centrais ou assine *online* em:

www.amnistia.pt/peticao/afeganistao-direitos-mulheres



IRÃO

LIBERTAÇÃO IMEDIATA E INCONDICIONAL DE NARGES MOHAMMADI

As autoridades iranianas têm submetido a tortura e outros maus-tratos, a defensora dos direitos humanos, e vencedora do Prémio Nobel da Paz de 2023, Narges Mohammadi, negando-lhe deliberadamente, ou atrasando gravemente o seu acesso a cuidados de saúde adequados.

Na verdade, em 2022, após sofrer vários ataques cardíacos as autoridades iranianas negaram repetidamente a Narges Mohammadi acesso a cuidados de saúde adequados na prisão, colocando a sua vida em risco, como forma de represália pelo seu trabalho continuado em prol dos direitos humanos e pela sua recusa em usar o véu para ser transferida para o hospital.

Há mais de 14 anos que Narges Mohammadi enfrenta represálias das autoridades iranianas pelo seu trabalho em prol dos direitos humanos, tendo sido condenada a várias penas de prisão injustas. A sua prisão mais recente começou a 16 de novembro de 2021. Condenada injustamente em vários processos todos relacionados com a sua atividade como defensora dos direitos humanos, Narges Mohammadi tem ainda pela frente mais de 10 anos de prisão.

Exija a liberdade de Narges Mohammadi.

PARTICIPE

Assine e envie o postal que se encontra nas páginas centrais ou assine *online* em:

www.amnistia.pt/peticao/narges-mohammadi





QUIRGUISTÃO

LIBERDADE PARA RITA KARASARTOVA

Desde outubro de 2022 que a vida de Rita Karasartova está virada do avesso. Foi presa e passou meses detida numa cela apertada, sem acesso a cuidados de saúde e sem poder ver ou falar com a família. Atualmente, encontra-se em prisão domiciliária e sob um rigoroso recolher obrigatório.

Rita é uma defensora dos direitos humanos que durante mais de uma década, dedicou a sua vida a prestar aconselhamento jurídico independente, ajudando pessoas cujos direitos tinham sido violados por um sistema jurídico corrupto e pouco fiável.

Juntamente com outras 26 pessoas, Rita foi detida por se opor a um novo acordo fronteiriço que dava o controlo de um reservatório de água doce ao Uzbequistão. O grupo apelou a que as pessoas se manifestassem pacificamente contra o acordo, exigindo transparência por parte do governo. Tal como outros, Rita temia que o Uzbequistão restringisse ou proibisse o acesso à água, um recurso escasso na região onde a perda de acesso poderia ter consequências devastadoras. Rita foi acusada de tentar “derrubar violentamente o governo”, o que implica uma pena máxima de 15 anos de prisão.

Exija a liberdade de Rita Karasartova.

PARTICIPE

Assine e envie o postal que se encontra nas páginas centrais ou assine *online* em:

www.amnistia.pt/peticao/rita-karasartova



TUNÍSIA

ENFRENTAR ANOS DE PRISÃO POR CRITICAR AS AUTORIDADES

Quando o Presidente Tunisino Kais Saied suspendeu o parlamento, demitiu o Primeiro-Ministro e assumiu o controlo executivo do país em julho de 2021, invocando poderes de emergência, Chaima Issa foi uma das primeiras a opor-se publicamente. Desde a tomada de poder pelo Presidente, os direitos humanos na Tunísia estão mais frágeis do que nunca. A liberdade de expressão está a ser atacada. Os tribunais militares têm como alvo os críticos do governo e o sistema jurídico carece de independência.

Depois de se ter reunido com diplomatas estrangeiros e outras figuras da oposição tunisina para debater a situação política na Tunísia, Chaima foi detida em 22 de fevereiro de 2023 no âmbito de uma investigação por alegada “conspiração”. Foi libertada em 13 de julho, após mais de quatro meses de detenção arbitrária, mas o processo judicial está em curso e as autoridades proibiram-na de viajar para o estrangeiro e de “aparecer em espaços públicos”. Um tribunal militar, que carece de independência, está também a investigar Chaima por ter criticado as autoridades num programa de rádio. Pode ser condenada a décadas de prisão.

Exija liberdade plena para Chaima Issa.

PARTICIPE

Assine e envie o postal que se encontra nas páginas centrais ou assine *online* em:

www.amnistia.pt/peticao/chaima-issa



MEMBROS JUVENIS O PRIMEIRO PASSO PARA CRESCER COM A AMNISTIA INTERNACIONAL

Nos últimos anos o ativismo jovem alcançou uma grande relevância a nível nacional e internacional. A Amnistia Internacional em Portugal, ao abrigo da Estratégia de Juventude 2020-2025, tem desenvolvido iniciativas e mecanismos para incentivar a participação de jovens não só no ativismo como também na governança da secção.

O mais recente passo neste sentido foi a nova página online www.ativismojovem.amnistia.pt com um espaço dedicado aos membros juvenis. Jovens com idades entre os 14 e os 17 anos podem começar o seu percurso na Amnistia Internacional enquanto membro juvenis, participando, sem (ainda) direito ao voto, nas Assembleias Gerais e em outros espaços de partilha e debate.

Rui Queridinha e Neele Baronigg são dois recém-membros juvenis. Cada um com o seu percurso ativista, têm em comum quererem crescer no seu envolvimento com a Amnistia Internacional e com os direitos humanos.



Rui Queridinha tem 17 anos e vive no concelho de Moimenta da Beira, Viseu.



Neele Baronigg tem 17 anos e vive no distrito de Évora

COMO TE ENVOLVESTES COMO JOVEM ATIVISTA NA AMNISTIA INTERNACIONAL?

RQ: Foi há três anos quando a minha escola abriu inscrições para participação no Encontro das Escolas Amigas dos Direitos Humanos. Foi tocante, foi ultrapassar muitos estigmas, muitos preconceitos que me tinham sido impostos. Foi uma descoberta. Percebi que não gostava só de falar de direitos humanos, gostava de refletir sobre todas as causas e as consequências da luta.

NB: Tive o primeiro contacto na escola, através da professora de filosofia que informou os alunos sobre o EJA de 2022. Interessei-me, inscrevi-me e continuei a participar em campanhas e atividades da Amnistia.

COMO FOI PARTICIPAR EM PROJETOS COMO O ENCONTRO DE JOVENS ATIVISTAS (EJA)?

RQ: Participar no EJA foi diferente, porque tive a confirmação no contacto direto com as pessoas na atividade do face-to-face. Senti-me realizado por estar a fazer aquilo que eu queria. Conversar com as pessoas e mostrar que há um outro lado e que por trás da nossa vida perfeita há sempre alguém que sofre, levar as pessoas a verem e a lutarem por esse lado.

NB: Participar no EJA foi interessante, aprendi muitas coisas novas. Ajudou-me a sair da minha zona de conforto, a aprender mais sobre ativismo, sobre o qual não sabia muitas coisas, especialmente sobre o ativismo ligado aos direitos humanos. Sempre estive mais ligada a problemas ambientais e não sabia muito sobre os direitos humanos. Então foi uma experiência que me abriu os olhos sobre outros problemas de que não sabia tanto.

O QUE É PARA TI O MAPA?

RQ: Conheci o MAPA no primeiro encontro em que participei e foi o primeiro passo para trabalhar com os direitos humanos além da escola. Porque por muito que se participe e trabalhe, estamos limitados à escola. Com o MAPA conseguimos ir mais além, ter mais atividades, além da possibilidade de ter mais conhecimento e informação para estaremos mais situados sobre o que se passa [no mundo].

NB: O MAPA é muito bom para jovens ativistas ou jovens que se querem tornar ativistas. É um espaço com pessoas da Amnistia, pessoas que realmente trabalham com ativismo e direitos humanos e é, ao mesmo tempo, um sítio onde podemos expressar as nossas opiniões e sentir que realmente são ouvidas e respeitadas. Penso que é uma plataforma boa para pessoas da minha idade, ou mais ou menos da minha idade, se informarem acerca dos direitos humanos e de problemas que estão a acontecer no mundo, mesmo que não saia muito nas notícias, e também para aprenderem o que podem fazer para ajudar certas causas.

COMO FOI PARTICIPAR NA CAMPANHA DE ANGARIAÇÃO DE MEMBROS JOVENS (CAM) E A CAMPANHA JOVEM?

RQ: A Campanha Jovem foi o segundo projeto em que participei e foi algo novo e um pouco mais focado, onde os participantes tinham de construir os passos que tinham de dar. Tínhamos uma grande responsabilidade, mas foi bom ver o fruto do trabalho. Foi uma experiência incrível. No princípio estava apreensivo. Como é que poucas pessoas podiam fazer um plano nacional, mas no final, termos conseguido alcançar as nossas metas foi incrível.

NB: Contribuir para a CAM foi interessante até porque já estava envolvida com algumas coisas da Amnistia, mas não sabia muito bem como funcionava, o que era ser membro, mas foi uma maneira de perceber como funcionam esse tipo de campanhas e de realmente estar envolvida nelas, e de aprender um pouco mais sobre como é que a Amnistia funciona e se sustenta.

O QUE APRENDESTE EM TODAS ESTAS EXPERIÊNCIAS E O QUE TE MOTIVA PARA O ATIVISMO?

RQ: Nestas experiências fui aprendendo a sair do egoísmo e a perceber que há mais coisas no mundo. Por muito que nos sintamos sós, há mais pessoas para lutar por uma causa. Juntos somos mais fortes e isso deu-me um gosto e uma motivação para lutar pelos direitos humanos.

NB: Aprendi várias coisas sobre direitos humanos (realmente não sabia quase nada). Aprendi que vários temas com os quais me preocupava também estavam ligados aos direitos humanos. Por exemplo, o problema do aborto. Há uns anos que tenho noção desse problema e tenho as minhas opiniões, mas nunca tinha ligado isso a um problema de direitos humanos. Além disso, aprendi a respeitar mais outras opiniões, algo com que tinha dificuldade, pois onde eu vivo as mentalidades são muito fechadas. Agora, como conheci pessoas de vários sítios do país, com diferentes experiências, tornou-se mais fácil estar um pouco mais de mente aberta em relação às outras opiniões.

O QUE TE MOTIVA NO TEU ATIVISMO?

RQ: O que me motiva é vermos o fruto do nosso trabalho, quando, como na Maratona de Cartas, as pessoas são libertadas. O facto de ser uma atividade em que [...] alguém tem de dar o primeiro passo para quem está ao nosso lado também o dar. É coletivo, não é individual, e o facto de não nos sentirmos sozinhos, também é muito motivante.

NB: Sempre estive motivada para fazer alguma coisa que esteja relacionada com o ativismo. Acho que desde pequenina fui educada a saber que essas coisas são importantes e o que é que os ativistas faziam. Então basicamente, quando tive oportunidade de fazer parte, decidi participar.

O QUE TE LEVOU A TORNARES-TE MEMBRO JUVENIL DA AMNISTIA INTERNACIONAL?

RQ: Antes de me tornar membro juvenil da Amnistia Internacional confesso que tive um pouco de medo, porque não tinha assim tanto conhecimento, mas depois deu-me aquele clique que, se uma pessoa não tiver a iniciativa de querer aprender, de querer saber, de não ter medo de perguntar, também nunca vai aprender. O que me levou a tornar-me membro juvenil foi não só ter mais conhecimento, mas também poder influenciar outras pessoas a querer fazer mais. E isto é uma coisa que nos dá motivação. Não foi fácil, mas tive de dar um passo em frente.

NB: Tornei-me membro juvenil para me envolver mais com a Amnistia, a primeira organização de ativismo com quem me envolvi. Como também participei na CAM, tinha mais ou menos noção do que realmente era ser membro e quis estar mais envolvida. Além disso, vi isto como uma oportunidade para aprender mais sobre ativismo e sobre a Amnistia em geral.

DE QUE FORMA A AMNISTIA PODE ENVOLVER MAIS OS JOVENS, A PARTIR DOS 14 ANOS?

RQ: Esta questão do ativismo é algo que deve ser proporcionado aos jovens. No meu caso, foi o Encontro das Escolas Amigas. Há escolas que não têm este projeto e acho que deviam ter para chegar a mais jovens. Para que pudessem encontrar mais cedo aquilo que eu encontrei, o amor pelo ativismo. A voz juvenil traz-nos muitas vezes as grandes dificuldades pelas quais os jovens passam, acho que ter uma voz jovem seria mesmo muito importante. Para a envolver mais jovens a partir dos 14 anos, deviam ser criados projetos especificamente a estes jovens. Por exemplo, lançar algo que abrangessem as escolas destas faixas etárias, [fazer] uma espécie de Encontro das Escolas Amigas e que pudesse dar a conhecer aos jovens o que é a Amnistia e de que forma se podem envolver. Acho que dessa maneira poderíamos dar voz aos jovens.

NB: Sinto que agora já haver a oportunidade de se ser membro juvenil foi mais um passo para os jovens de 14 anos estarem mais envolvidos. Penso que estando envolvidos em coisas deste género os jovens têm a oportunidade de ver as suas opiniões valorizadas e realmente respeitadas. Porque, no dia a dia, se alguém de 14 anos tem uma opinião, as pessoas tendem a não leva-la tão a sério, mas se eles se envolverem mais neste tipo de coisas, e sentirem que são respeitados, podem ser mais motivados a realmente pensarem sobre as coisas e terem uma opinião.

DE QUE OUTRAS FORMAS CONCRETIZAS O SEU ATIVISMO PARA ALÉM DA AMNISTIA?

RQ: O meu contacto com o ativismo na Amnistia levou-me a procurar, investigar outros tipos de ativismo. Comecei por participar na recolha de bens para o Banco Alimentar. Depois participei em manifestações da comunidade LGBTQA, nas manifestações pelos direitos das mulheres e da greve climática estudantil. Estas participações vieram ao encontro de querer encontrar algo mais.

NB: São poucas e simples, porque onde eu vivo não há muitas oportunidades. Estou num grupo de voluntariado da ADA CLDS de Portel, onde participo em campanhas como o Banco Alimentar e na escola estou no Clube Ubuntu da Academia de Líderes do Ubuntu. Neste clube organizamos vários tipos de campanhas como campanhas de sensibilização para problemas como o bullying e campanhas de angariação bens essenciais, como roupas, comida, etc., para pessoas mais desfavorecidas, que vivem em Évora, ou também para vítimas de problemas como a guerra da Ucrânia ou do sismo da Turquia.

QUE LIVRO/FILME SOBRE DH RECOMENDAS?

RQ: A “Intervenção Divina” de Elia Suleiman e “O julgamento” de Leonel Vieira. São dois filmes relacionados com os direitos humanos que me marcaram. E de cada vez que os revejo, descubro mais pormenores que realmente são bastante significativos, pelo menos eu gostei.

NB: “O ódio que semeias” de Angie Thomas. É um livro muito bom, gostei bastante de o ler. É um livro sobre o racismo nos Estados Unidos da América, sobre como a violência policial é muitas vezes ignorada e como isso leva à morte de várias pessoas negras sem, depois, haver consequências. Penso que o livro fala muito bem sobre isso.

QUE CONSELHOS QUERES DEIXAR A QUEM SE QUER TORNAR ATIVISTA DA AMNISTIA INTERNACIONAL?

RQ: Vou falar um pouco contra mim mesmo, porque comecei por participar influenciado por colegas meus que tinham vontade de participar. Eu fui porque eles foram. Fui influenciado. Mas foi algo muito bom, porque no mundo do ativismo sentimos o “eu” coletivo, sentirmos que não estamos sozinhos. Acho que devem dar o primeiro passo e procurar o ativismo, dentro da área da Amnistia ou outro tipo de ativismo. Lutamos para um mundo melhor. Eu acho que se temos amor e respeito ao próximo, [o ativismo] é uma grande demonstração do que nós podemos fazer.

NB: Aconselho que pesquisem se há algum sítio, nas suas localidades ou perto, onde eles possam fazer alguma coisa que tenha que ver com ativismo. Se encontrarem algo, acredito que devam começar por participar em coisas mais “pequenas”, como o EJA, para lentamente começarem a ligar-se com o ativismo e para verem se é nesse tipo de organização que querem participar ou se querem encontrar outra coisa qualquer com que se identifiquem mais.



Podes assistir a entrevista completa ao Rui, em vídeo, aqui:



Podes saber mais sobre como tornar-te membro juvenil da Amnistia Internacional aqui:





ESCOLAS AMIGAS DOS DIREITOS HUMANOS

DE PORTUGAL PARA LONDRES, NO CAMINHO DA EDUCAÇÃO PARA OS DIREITOS HUMANOS

Nos dias 6 a 10 de novembro, reuniram-se em Londres jovens ativistas e membros das equipas de várias secções da Amnistia Internacional para a formação Protect the Protest: Global HRE Training of Trainers Programme. Desafiamos a Bruna Costa, jovem ativista portuguesa que participou na formação a contar-nos como foi e qual tem sido o seu percurso como facilitadora na Amnistia Internacional Portugal.



Este programa surgiu dada a necessidade internacional sentida em desenhar um chão comum sobre a campanha Protege a Liberdade e capacitar facilitadores para terem ferramentas para abordar em contexto de educação para direitos humanos.

Educar para os direitos humanos pode fomentar um espírito crítico e, ao mesmo tempo, ajudar a desenvolver uma série de competências de comunicação e de ação em prol dos direitos humanos. Abre ainda portas para um processo de aprendizagem, descoberta e ação, cultivado por conhecimentos, competências e atitudes para sermos capazes de reivindicar e defender os nossos direitos humanos.

Foi em contexto de educação para os direitos humanos que tive o meu primeiro contacto com a Amnistia Internacional, em 2017, no Encontro

das Escolas Amigas dos Direitos Humanos. Este último e o EJA – Encontro de Jovens Ativistas são espaços de partilha onde, todos os anos, dezenas de jovens são incentivados a participar ativamente na promoção e proteção dos direitos humanos.

Após três anos a assumir o cargo de participante nestes encontros decidi, em 2020, candidatar-me à posição de voluntária para o EJA. Desde então, consigo olhar para o início do processo e visualizar o quanto cresci ao ter tido a oportunidade de fazer parte das equipas de facilitação destes encontros de jovens. O que numa fase inicial era visto como um desafio, rapidamente se transformou numa experiência enriquecedora em que fui impactada por cada reunião, por cada pessoa que cruzou o meu caminho e por cada sessão que ouvi e que facilitei. Esta experiência permitiu-me não só crescer enquanto pessoa e membro da sociedade, como também desenvolver algumas competências transversais que eu sabia que existiam, mas que até então estavam guardadas.

Faz agora três anos desde o meu primeiro contacto com a facilitação e desde que assumi o meu primeiro compromisso enquanto voluntária da Amnistia Internacional na educação para os direitos humanos.

Decidi candidatar-me para integrar o *Protect the Protest: Global HRE Training of Trainers Programme*, uma vez que olhei para esta oportunidade como a cereja que faltava no bolo de várias camadas que para mim tem sido toda a experiência de educar para direitos humanos.

Os principais objetivos desta formação passaram pela promoção da reflexão e do debate crítico sobre as várias temáticas dentro da campanha Protege a Liberdade, incentivando simultaneamente o desenvolvimento e a implementação de ações para reforçar a aprendizagem.

A formação foi concebida em três fases distintas, visando proporcionar uma experiência abrangente e enriquecedora aos participantes. Na primeira etapa, imergimos na versão internacional do curso on-line Protege a Liberdade. Esta iniciativa foi essencial para dotar os participantes de uma sólida base de conhecimentos, uma vez que um dos objetivos principais da formação era explorar estratégias para abordar a campanha Protege a Liberdade em educação para os direitos humanos.

Na segunda fase do processo, participámos num workshop online, onde começámos a construir um chão comum de conhecimentos sobre a temática e onde tivemos, pela primeira vez, contacto com os participantes que viriam a representar as outras secções da Amnistia Internacional na formação presencial.

Finalmente, o ápice da experiência ocorreu em Londres, onde nos reunimos presencialmente por cinco dias de imersão total. Durante este período, não só tivemos a oportunidade única de interagir e colaborar com pessoas provenientes de contextos e vivências distintas das nossas, como também de nos envolvermos em atividades e discussões acerca dos temas da campanha.

Esta experiência aprofundou a minha compreensão sobre a campanha Protege a Liberdade e alertou-me para as possíveis barreiras e desafios relacionados com a educação para direitos humanos. Ademais, fortaleceu as minhas capacidades de facilitação e permitiu-me criar laços com aqueles que, assim como eu, acreditam que existe um longo caminho a percorrer para proteger a liberdade de expressão, manifestação e reunião pacífica e que a educação para os direitos humanos tem um papel fundamental nele.

Bruna Costa, Ativista da Amnistia Internacional

RUI ROMÃO

Nesta edição contamos com o rosto de ativismo Rui Romão. É professor e ativista comprometido e envolvido com esta missão de dar prioridade aos Direitos Humanos. Assina petições regularmente e apoia a Amnistia Internacional Portugal há 7 anos.

Tornou-se apoiante da Amnistia Internacional ainda muito jovem. O que o levou a tomar esta decisão?

Foi quando saí de casa aos 18 anos que fui conhecer um mundo novo. Ir para Lisboa (que não é tão longe assim de onde sou natural) permitiu-me conhecer muitas pessoas e experienciar novas realidades. Fui crescendo, fui amadurecendo e fui tomando consciência do mundo tão desigual onde vivo. Sei que não mudamos o mundo, mas podemos mudar o mundo para alguém.

Porque é que esta causa é importante para si?

Num mundo repleto de desigualdades, quem tem voz tem a oportunidade e o dever moral e ético de lutar por aqueles que não têm, seja através do ativismo de rua, do ativismo online, da colaboração com ONG, de doações para organizações sem fins lucrativos, de organizações diplomáticas, de processos judiciais, ou até de um consumo consciente – o consumerismo. As disparidades económicas, financeiras e sociais devem ser urgentemente atenuadas, não só em Portugal como no resto do mundo. Hoje sabemos que a pobreza não é exclusivamente um fenómeno referente às condições materiais de vida. Os grupos sociais que não têm acesso a uma educação plena, à participação na vida política, a cuidados de saúde, a planeamento familiar... continuarão na periferia do desenvolvimento humano.



Enquanto apoiante da Amnistia, o que espera que a organização alcance no futuro?

Revejo-me e orgulho-me do movimento da Amnistia Internacional. A minha expectativa para o futuro é a continuação do trabalho que faz e da contribuição de todos os apoiantes e voluntários até um dia em que os direitos humanos deixem de ser postos em causa ou até sequer questionados. Que se reconheça, por fim, que falamos de direitos indivisíveis, universais, inalienáveis, irrenunciáveis e imprescritíveis.

O que é que diz a outras pessoas sobre a Amnistia Internacional Portugal?

Que o trabalho da Amnistia Internacional deve representar todos os que não se veem no desrespeito permanente dos mais básicos e elementares direitos, como o acesso à informação, a liberdade de expressão, a segurança ou a alimentação. É evidente que o desrespeito por muitos direitos humanos tem um forte contexto cultural em muitos países. No entanto, acredito que

nenhuma cultura está acima dos direitos humanos. E é aí que reside a minha luta.

O que é que o motiva a manter-se envolvido e qual a sua missão pessoal?

Penso ter respondido a esta questão ao longo das restantes questões.

Enquanto professor como vê o estado dos Direitos Humanos em Portugal? E que mensagem gostaria de transmitir aos seus alunos?

As crianças e os jovens têm uma visão muito ingénua do mundo. Os meus alunos acreditam que cada escola do mundo é igual: todas equipadas com computadores, muitos professores, material escolar, refeições, transporte. É importante passar a mensagem de que o mundo não só é diverso como desigual. Na primeiras aulas da unidade sobre os Contrastes do Desenvolvimento, lemos testemunhos de famílias em países menos desenvolvidos, vimos algumas imagens e visualizámos alguns vídeos para conhecermos o dia a dia de quem vive neste mundo mas numa outra realidade.

INOVAÇÃO SUSTENTÁVEL

+AMNISTIA POR DESCONTOS QUE TRANSFORMAM VIDAS



© Amnesty Internacional

Este ano pensámos em como poderíamos verdadeiramente agradecer o seu envolvimento e generosidade e temos uma novidade que vai levar mais longe o impacto que a nossa missão tem no mundo.

Sabemos que os desafios são grandes para empresas que partilham o nosso compromisso com a sustentabilidade e o respeito por Direitos Humanos e decidimos unir estas duas missões.

Trabalhámos e continuamos a trabalhar arduamente para estabelecer parcerias com empresas que adotam práticas comerciais éticas e sustentáveis, empresas que partilham os nossos valores e que ao escolherem fazer parte desta iniciativa, comprometem-se a contribuir para um mundo mais justo e sustentável.

Por isso, por cada donativo que fizer irá receber um valor de desconto na nossa

app **+Amnistia** que poderá descarregar em qualquer plataforma da apple ou google. Poderá usar esse desconto ao fazer compras em empresas portuguesas que se guiam por estes princípios, num ciclo que permitirá continuar a construir um mundo melhor para todos. Ao darmos mais visibilidade a estas empresas poderemos retribuir todo o seu empenho, entrega e envolvimento que têm permitido a defesa de Direitos Humanos em todo o mundo.

Para além de criarmos mudanças positivas, juntos podemos inspirar outros a seguir este exemplo.

Agradecemos o seu contínuo apoio e dedicação! Com a sua ajuda, continuaremos a moldar um futuro mais sustentável e mais humano.

Obrigada por fazer parte desta jornada incrível!



**PROCURE POR NOVIDADES
BREVEAMENTE NO SEU EMAIL. CASO
NÃO ESTEJA A RECEBER AS NOSSAS
COMUNICAÇÕES CONTACTE-NOS PARA
INFO@AMNISTIA.PT OU 213 861 664.**

**É MUITO IMPORTANTE QUE TENHAMOS O
SE SENTIMENTO PARA QUE POSSA
COMEÇAR A USUFRUIR DE DESCONTOS.**



Somália libertou jornalista de investigação detido

A 17 de agosto de 2023, agentes de segurança à paisana detiveram Mohamed Ibrahim Osman Bulbul, jornalista da Kaab TV e funcionário do Sindicato dos Jornalistas da Somália. A detenção teve lugar um dia depois de ter publicado um artigo sobre a alegada apropriação indevida de fundos da União Europeia destinados à formação de agentes da polícia Somali. A 25 de setembro, foi acusado de “desacato ao Estado” e de “circulação de notícias falsas e tendenciosas”.

Apenas uns dias depois de a Amnistia Internacional ter emitido uma Ação Urgente apelando à sua libertação, a 7 de outubro, o jornalista Mohamed Ibrahim Osman Bulbul foi libertado sob fiança. Poucos dias depois, a 11 de outubro, o tribunal regional de Bandir rejeitou todas as acusações contra Mohamed e ordenou a sua libertação incondicional. O tribunal não deu ao Ministério Público a possibilidade de recorrer da sua decisão.

Mohamed Ibrahim Osman Bulbul e os seus colegas agradeceram vivamente à Amnistia Internacional a sua ação e o seu apoio: “Gostaria de expressar a minha mais profunda gratidão pelo vosso apoio e incansável defesa da minha liberdade. A vossa ação urgente desempenhou um papel muito importante para garantir a minha liberdade. Estou profundamente sensibilizado com a vossa solidariedade”.



© DR



Ex-senadora Leila de Lima libertada sob fiança

Após quase sete longos anos de detenção arbitrária, a prisioneira de consciência e ex-senadora Leila de Lima foi libertada sob fiança, depois de um tribunal filipino ter deferido, a 13 de novembro, o seu pedido de fiança relativo à acusação de ter alegadamente tolerado o “tráfico de droga generalizado” no recinto de segurança máxima da Prisão Nacional de Bilibid.

De Lima está detida na sede da Polícia Nacional das Filipinas desde a sua detenção, a 24 de fevereiro de 2017, por acusações relacionadas com a droga. Como ativista dos direitos humanos e ex-senadora, tem sido uma das críticas mais ferozes das violações dos direitos humanos durante a administração do antigo Presidente Rodrigo Duterte. Desde a sua detenção, a Amnistia Internacional, juntamente com muitas outras organizações nacionais e internacionais, tem afirmado repetidamente que as acusações contra ela foram forçadas e que os depoimentos das testemunhas contra ela foram fabricados.

A Amnistia Internacional congratula-se com este desenvolvimento positivo e apela a que este último processo seja arquivado e a que os responsáveis pela sua detenção arbitrária e por outras violações dos seus direitos sejam levados à justiça em julgamentos justos.

© DR

Gana e Malásia dão passos importantes na abolição da pena de morte

Em julho, o Parlamento do Gana votou a favor da remoção da pena de morte na Lei Penal e de Outras Infracções de 1960 e da Lei das Forças Armadas de 1962, tornando o país abolicionista na prática. Com estas medidas, o Gana deu um passo importante no sentido da abolição da pena de morte.

A 4 de julho, entraram em vigor na Malásia alterações legislativas destinadas a revogar a pena de morte obrigatória, abolindo igualmente a pena de morte na íntegra para sete crimes. Os tribunais foram autorizados a rever as sentenças das mais de 1000 pessoas que se encontravam no corredor da morte e a decidir discricionariamente entre a pena de morte ou penas de prisão, e o chicoteamento - uma pena cruel proibida pela legislação internacional de direitos humanos.

Com a moratória oficial sobre execuções de 2018 ainda em vigor, estas reformas têm o potencial de reduzir o número de sentenças de morte impostas e representam um marco importante na jornada da Malásia rumo à abolição.

Ambos os desenvolvimentos são uma vitória para todos aqueles, incluindo a Amnistia Internacional, que lutam incansavelmente para que esta pena cruel passe à história.



© DR



© DR

Ativista Afegão Matiullah Wesa libertado

Como ativista no domínio da educação, Matiullah Wesa fundou e dirigiu a Pen Path, um grupo de 3.000 voluntários que fazem campanha em distritos e províncias remotas do Afeganistão sobre a importância da educação, especialmente da educação das raparigas.

Matiullah Wesa foi arbitrariamente detido pela Direção-Geral de Informações (GDI) dos Talibãs a 27 de março de 2023, quando regressava da oração da noite na mesquita. No dia seguinte, a GDI fez uma rusga à sua casa e confiscou o seu telemóvel pessoal e o seu computador portátil. A 29 de março, o porta-voz dos Talibãs confirmou a sua detenção, acusando-o de atividades ilegais.

De abril a finais de outubro, a Amnistia Internacional fez campanha pela libertação de Matiullah Wesa através de cartas individuais e coletivas e de publicações nas redes sociais para questionar a detenção ilegal pelos Talibãs, a falta de um processo justo no seu caso e a contínua violação do direito à liberdade de Wesa.

Matiullah Wesa foi libertado em 26 de outubro de 2023, depois de ter passado mais de sete meses na prisão. Foi libertado na sequência de uma decisão judicial que não encontrou provas da alegação feita contra ele pelo GDI Talibã.

CAMPANHA DE NATAL SOLIDÁRIO COM DAMA DE COPAS

A Dama de Copas juntou-se à Amnistia Internacional por um **Natal pelos Direitos de Todas as Mulheres**. A marca lançou uma coleção solidária que reverte a favor dos direitos das mulheres, composta por 16 peças de lingerie e loungewear que acrescentam conforto e confiança ao guarda-roupa.

No último mês do ano, na compra de uma peça da coleção **Dama de Copas x Amnistia Internacional**, 5% do valor reverteu para esta causa.

A coleção solidária esteve disponível nas lojas físicas e online de 01 a 31 de dezembro.



*Um Natal
pelos direitos de
todas as mulheres!*

DAMA DE COPAS®

AMNISTIA
INTERNACIONAL





EMERGÊNCIA NO AFGANISTÃO

A GUERRA DOS TALIBÃS CONTRA AS MULHERES E MENINAS

© Kiana Hayeri / Amnesty International

O Afeganistão, sob o regime talibã, é o país mais repressivo do mundo para as mulheres e meninas. A sua interpretação da lei islâmica e políticas restritivas têm afetado desproporcionalmente as mulheres, resultando numa série de violações aos seus direitos fundamentais.

Desde que os talibãs assumiram o poder, em agosto de 2021, e apesar da sua promessa inicial de respeitarem os direitos humanos, iniciaram uma guerra contra as mulheres e a cada novo dia, introduzem novas medidas para as discriminar, oprimir e eliminar da esfera pública.

As afegãs não podem estudar, não podem escolher uma profissão, estão proibidas de circular ou viajar, e o acesso a espaços públicos é muito restrito e só permitido com um acompanhante masculino.

O direito de expressão e manifestação está comprometido, as mulheres que protestam publicamente ou online são espancadas, detidas ilegalmente e os seus familiares tornaram-se responsáveis aos olhos do regime vigente.

As autoridades talibãs isolaram os afegãos do resto do mundo e afundaram o país numa crise económica e humanitária, sem precedentes. As suas restrições e a falta de proteção social no país, afetam diretamente a subsistência das famílias, que recorrem ao casamento infantil e venda de órgãos para conseguirem sobreviver.

Confinar as mulheres, metade da população do país, com 20 milhões de pessoas em fome aguda é condenar não só todos os afegãos, mas todas as futuras gerações à pobreza, miséria e fome.

Este é um crime de perseguição de género; é considerado um crime contra a humanidade!
Juntemo-nos para exigir que finde imediatamente!



Saber mais em:

[amnistia.pt/direitos-das-mulheres-afeganistao](https://www.amnistia.pt/direitos-das-mulheres-afeganistao)



EMERGÊNCIA NO AFGANISTÃO

A GUERRA DOS TALIBÃS CONTRA AS MULHERES

“As mulheres e as meninas afegãs têm sido obrigadas a viver como cidadãos de segunda classe, mantidas em silêncio e tornadas invisíveis”

Agnès Callamard, secretária geral Amnistia Internacional

AJUDE COM O SEU DONATIVO

Entidade:

Referência Multibanco:

Montante: o que puder

O Afeganistão, sob o regime talibã, é o país mais repressivo do mundo para as mulheres e meninas. Dois anos após assumirem o poder, **deixando o país numa crise humanitária sem precedentes, os talibãs iniciam uma nova fase de abusos e atos de discriminação. É urgente agirmos AGORA!**

Os Talibãs decidem o futuro das afegãs retirando-lhes todos os seus direitos e sonhos. A cada novo dia, desde que os Talibãs assumiram o poder, as afegãs só têm uma certeza de que vão tornar-se cada vez mais dependentes da **violência de género, casamentos infantis, da fome e da miséria.**

ESTE É UM CRIME DE PERSEGUIÇÃO DE GÉNERO, É CONSIDERADO UM CRIME CONTRA A HUMANIDADE!

MB WAY **939 076 340** IBAN: PT50 0036 0103 99100000985 88

Para receber recibo e mais informações desta emergência pedimos que envie o comprovativo do donativo e dados com a referência “DH Mulheres Afeganistão –AGIR” para o e-mail info@amnistia.pt.

www.amnistia.pt/direitos-das-mulheres-afeganistão

**AMNISTIA
INTERNACIONAL** 